

Existência | Lauramaria

Descobri uma nova forma de ser. Não que antes eu não fosse desconfigurada da minha essência. Mas uma mineira na praia é completa e fora de si. A calmaria do mar inundava meus pensamentos em completo nada. Foi em nada que me encontrei ser.

Acordava para as palavras sublimes proferidas dos lábios de estranhos. Aqueles sorrisos falsos de trabalho entregando o café da manhã no hotel. O olhar duro de mulheres que queriam estar ali sendo servidas e eram serviçais. A dor que carregava o filho no ventre e não saberia que dia iriam dar a luz, ou dar as trevas. Afinal, viver era um sopro de Schopenhauer. No pêndulo do esquecimento, eu via corpos molhados e sorridentes levando a brisa marítima além da costa. Ao lado, na areia quente, suor e mexilhões equilibrados quase que perfeitamente nas mãos de um pescador que nem sequer recordava seu último mergulho nas águas turvas daquele oceano.

Pensava que isso era inevitável. Tardava o almoço e esquecia com frieza aquele mundo. Eu existia no estresse contínuo do controle. Não entendia o porquê de desejar a ordem em tudo que tocava. Mas uma mineira na praia? Não importava nem o horário que dormiria. Nada me fazia ser em fuga da realidade assombrosa. Acordava em êxtase de pisar na areia quente, a corrente nervosa fazia meus pés arderem em transe hipotético tal qual a transa insignificante da noite anterior.

Não sabia mais a razão do vento ou onde estivera em passados longínquos. A monotonia fazia a maré inundar o gosto de viver. Descobri que a infância inquietante do silêncio era meu ser em nada. Gostava da sensação de quietude. Saboreava minha existência fora de essência. Assim, me percebia humana. Podia ser frágil. Podia enxergar empatia na solidude.

Sabia que ao voltar para a vida desistiria de tudo. Não conseguiria mais sentir calma. Teria medo do controle e ele me perseguiria aludindo à falsa confiança, como se pudesse viver na ilusão. Alimentava aquilo das minhas entranhas ardendo em medo. Nunca soube viver, respirar, tocar. Por mais que a paz reinasse na melancolia da mente, cresci no pavor de perder a segurança que tanto desejava e me moldava para explicar a razão de minhas escolhas que talvez nem fossem verídicas.

Parece ingratidão de alguém que ama, que é amado, que tem condições de buscar ajuda. Parece adjetivação além do normal. Não é. Vivo uma essência paradoxal de existir

e não ser. Talvez um dia, conseguisse na realidade, aderir ao meu ser infantil que era ser ao encontrar o azul marinho noturno céu e mar.

Por enquanto, respirava, tocava e não vivia.

Em rimas pobres, como fazem todos, me escondia.